

A GESTÃO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Samara de Jesus Lima Salvador¹, Talita Silva Nunes Nogueira¹, Heloíse Bressanin D'Oliveira Rodrigues¹, Priscila Taciana dos Santos¹, Sabrina Aparecida Bandeira¹, Simone Domenech Ferreira¹.

1- Faculdade de Mauá - FAMA/UNIESP (Mauá-SP), Mauá, São Paulo, Brasil.

Autor Correspondente:

Talita Silva Nunes Nogueira

E-mail: talitanunes.d@gmail.com

RESUMO

O presente artigo trata da gestão em sala de aula pela necessidade de compreender seu funcionamento na atualidade, apontando a indisciplina como meio reflexivo de interferência nos resultados do processo de ensino-aprendizagem. Analisar a inserção dos valores familiares e sociais no favorecimento a respeito dessa gestão, no auxílio à mediação da relação professor-aluno, bem como entender a formação acadêmica e o preparo legal à prática educativa.

Palavras-chave: gestão do professor; indisciplina; relação professor-aluno; competência docente; formação continuada.

ABSTRACT

This article deals with the management in classroom due the need to understand its operation nowadays, pointing indiscipline as a reflective way of interference in the results of the teaching-learning process. Analyzing the inclusion of family and social values in favor of this management, assistance to the mediation of teacher-student relationship, besides understanding the academic background and legal preparation to educational practice.

Keywords: teacher management; indiscipline; teacher-student relationship; teaching competence; continuing formation.

1-INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem por finalidade contribuir para a reflexão da gestão em sala de aula da prática docente, diante da indisciplina dos alunos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O primeiro capítulo destina-se à gestão em sala de aula relacionada à prática docente na atualidade. O segundo capítulo discorre compreender a relação professor-aluno frente à indisciplina. E o terceiro capítulo complementa com a análise da formação acadêmica, o respaldo legal e a tríade família, escola e comunidade.

2- O QUE VEM A SER A GESTÃO DO PROFESSOR

À gestão da escola, representada pela figura do diretor, incumbe o papel de administrar institucionalmente o ambiente escolar, de modo não apenas gerencial, mas valendo-se também da participação de outros (professores, alunos, famílias e comunidade, por exemplo). Por outro lado, a gestão em sala de aula faz parte do repertório de ações para desenvolvimento pleno do aluno, e essa é uma função autorizada ao professor.

Sendo assim, cabe ao docente, não somente as questões didáticas de ensino (planejamentos, relatórios, metodologias, etc.), como também a direção da sala de aula no que diz respeito à significação dos conteúdos, à disciplina da classe e à participação do aluno. Essa gestão em sala de aula vem sendo estudada há algum tempo²⁵ porque influi na relação professor-aluno, portanto, no ensino-aprendizagem.

Tais aspectos requerem uma competência que perpassa os elementos influenciáveis, internos e externos da escola, demandando ao educador uma predisposição e liderança do ofício.

A sala de aula da atualidade mudou, conforme a sociedade, devido ao avanço da globalização, solicitando da escola novos papéis para a formação de cidadãos a esse meio, tornando-a de passiva para ativa, numa ação democrática atribuída a sujeitos discursivos (professor e alunos), como aponta Paro (2003).

Contudo, as informações estão disponíveis a todos os indivíduos confundindo-os na compreensão dos dados, enquanto que a formação do professor ainda caminha para

²⁵ Desde que a Psicologia foi introduzida como uma das áreas de conhecimento para compreender o processo pedagógico, relações estabelecidas em sala de aula passaram a povoar o universo da pesquisa educacional brasileira. Pode-se afirmar que diversas concepções teóricas em Psicologia da Educação [...] investigaram, ou investigam, cada um a sua maneira, a relação entre professores e alunos. A centralidade desse tema denota que essa relação produz efeitos importantes no processo de escolarização. (SOUZA; VIÉGAS, 2012, p. 379).

uma aglutinação de papéis (a constituição da cidadania e da profissionalização do educando) frente a uma identidade do educador, e isso gera desordem na relação professor-aluno.²⁶

Considerando a importância dessa relação, que é a conexão da informação transformada em conhecimento, onde se permeiam as implicações e/ou assimilações do aprendizado, fatores esses em vigência; torna-se importante compreender o que é e como gerir uma sala de aula. Essa competência requer do professor aptidão, afetividade e atualização.

A aptidão docente é aquela em que a vocação está presente no saber-fazer do professor (ele acredita e tem prazer no que faz). A afetividade parte dessa aptidão e constitui-se na relação professor-aluno, influenciando no clima de aprendizado da turma. Já a atualização está no campo da formação e da capacitação docente que se tornam, a cada dia, com o avanço tecnológico, obrigatórias.

Esses aspectos dependem, quase que exclusivamente, da formação do professor, e nesse sentido é necessário compreender que essa ação engloba um processo no qual ele é a peça chave e precisa tanto de orientação como de respeito.

Para que o docente possa ser um mediador do processo educativo ele necessita, primeira e primordialmente, ter clareza e segurança de seu ofício, conhecendo o conteúdo a ponto de saber atingi-lo em suas significações, de modo problematizador e dialogado, que faça com que o aluno adquira conhecimento na busca de soluções das situações-problemas propostas, ou seja, trabalhando as diferentes habilidades e inteligências dos discentes e gerenciando conflitos, porque, “num clima de atividade onde imperam o interesse e o esforço genuínos, intrínsecos, a disciplina é um corolário, a aprendizagem se desenvolve naturalmente e a autoridade do professor não precisa se instalar por meio de ameaças ou punições”. (AMARAL, 2014, p. 90).

Isso intervém na didática, na metodologia de ensino, bem como na formação docente atual e na formação continuada, que devem fundamentar o professor pelas relações teórico-práticas contextualizadas com a realidade da sala de aula do momento.

²⁶ [...] indisciplina gera indisciplina, da mesma maneira que a violência gera violência, a indisciplina na escola pode expressar, na realidade, alguma coisa para além do desejo de perturbar ou de ser indisciplinado. Às vezes, ela representa a dificuldade do aluno para ser reconhecido [...]. A violência que se produz dentro da escola é reflexo do que acontece na sociedade. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 9, grifo nosso). A partir de Hengemühle (2011, p. 136) complementamos que [...] na sala de aula, os questionamentos aumentam, a indisciplina e a desmotivação aparecem sempre mais. Os valores entram em crise. A família se descontrói. A escola atribui a culpa à sociedade. O professor afirma, normalmente, que o problema está na família. A família, que o problema está na escola. A confusão se instala.

Desse modo, compreende-se a gestão do professor como um engendramento democrático, de condições para a mediação do aprendizado do aluno na sala de aula, numa relação mútua de respeito e autonomia. Todavia, como intermediar o conhecimento num ambiente cada vez mais indisciplinado que tem se tornado a sala de aula?

Aquino (1996a) salienta que os professores apontam a indisciplina como um dos maiores problemas da sala de aula. Mesmo nos anos iniciais do Ensino Fundamental é notória sua manifestação, pois, sendo que o aluno vai à escola imbuído de conflitos sociais e psicológicos da sociedade presente e, por mais que goste do ambiente, raramente deseja estar na sala de aula, local em que, muitas vezes, há extravasamento de questões pessoais e/ou que dizem respeito à família do aluno, por meio de atitudes indisciplinadas.

Nesse cenário, para o comportamento indisciplinado do alunado, em muitas oportunidades a ação dos professores é a de ignorar a causa e ofertar chamadas de atenção (“brincas”), propiciando ainda mais insegurança ao educando e consequentemente, maior distanciamento do aprendizado; aspectos esses que devem ser pautados de outro modo na educação, partindo da comunicação, posto que a indisciplina é justamente uma demonstração de que há alguma quebra na relação professor-aluno, ou que ela simplesmente, não ocorre.

Cabe ao professor, diante da mediação de conflitos impostos por essa situação, transformar a indisciplina em disciplina²⁷, num processo contínuo de auxílio ao aluno em seu autocontrole, por meio do convívio na relação professor-aluno. Aspectos esses que serão refletidos no decorrer desse artigo.

Nesse contexto, o docente deve gerir a sala de aula por intermédio de relacionamentos mediatizados, transitando sobre todos os conteúdos pedagógicos necessários ao aprendizado dos alunos, estabelecendo um diálogo com os familiares desses e, ainda, respondendo as solicitações postas em lei, exigidas pela sociedade e sobrepujadas pela direção escolar. Isso fornece um excesso de ações que desmotivam o professor em relação ao trabalho na sala de aula.

²⁷ Se o professor souber responder, o incidente acaba, é um momento de distensão; caso contrário, a desordem se transforma numa indisciplina sem forma e que não acaba. Saber como responder a essa indisciplina exige do professor perspicácia, já que deve entender o sentido da conduta dos alunos. Por isso, deve ser sensível à vida da aula, conhecer a si mesmo e ter a flexibilidade suficiente que lhe permita modificar o que havia previsto como atividade. Essas qualidades dão autoridade ao professor e isso é o que as crianças procuram. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 103).

3- O IMPACTO DA INDISCIPLINA NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

A educação escolar de antigamente poderia ser comparada às regras militares, o professor tinha o “poder da autoridade” e o aluno era submisso. Aliás, no passado, a escola não era para todos e só podiam continuar os estudos aqueles que faziam parte de uma classe social mais favorecida. Hoje, muitas transformações ocorreram.

De acordo com Zagury (2007) a educação tradicional no Brasil começou a se dissolver por volta da década de 70 em decorrência de mudanças de governo e quando vários autores como Paulo Freire, Maria Montessori, Piaget, Vygotsky, entre outros entraram em cena, propondo que o papel do professor passasse de autoridade superior na sala para mediador de conhecimento. Nesse momento, já não era mais aceitável que o aluno apenas decorasse o conteúdo, iniciava-se a era do “aprender a aprender”, na qual o aluno começava a ser avaliado por seu esforço no processo de aprendizagem, e não somente pelo produto final.

Experiências e opiniões do educando também passaram a ser avaliadas, e o método tradicionalista deixou de ser visto de forma positiva, mostrando docentes despreparados, posto que o modelo de formação obtida já não era mais eficaz, e a relação professor-aluno ganhou um novo sentido. O aluno começou a ter voz ativa dentro da sala de aula, permitindo espaço para debates e discussões entre os docentes, assim o respeito ganhou outra perspectiva.

Com essa nova fase da educação veio à tona a defasagem na formação dos professores. Como um professor mal formado, mal remunerado e mal instruído pode ensinar algo que não domina? Como propagar um ensino de qualidade dessa maneira?

Tais reflexões são necessárias; porém, o maior dilema que o professor enfrenta na sala de aula atualmente é a indisciplina, pois ocupa muito de seu tempo para deixar a sala em ordem para ministrar sua aula.

Segundo Aquino (1996a, p. 40) “bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade, etc.”, impedem que o trabalho do professor seja realizado em um ambiente favorável à aprendizagem. Tal dilema ocorre não só em escolas públicas, mas também privadas. A questão é que o mundo mudou, a geração posta é outra, em qualquer nível social. Mas a escola e os professores mudaram?

Atualmente a escola recebe um novo sujeito histórico com novos valores (morais, sociais, éticos, familiares, etc.) e não está preparada para administrar as transformações, ou seja, há resistências nas instituições de ensino.

Partindo para o olhar psicológico, ressalta Aquino (1996a, p. 41) que “a questão da indisciplina está associada a carência psíquica do aluno”, relacionada a fatores influenciados pelas relações familiares.

As pesquisas realizadas por Silva, Ferreira e Galera (2008), complementam que o maior problema gerado pela indisciplina é a questão social (estrutura familiar e financeira) dos educandos, pois a família não impõe regras e limites aos filhos, passam muito tempo trabalhando e deixando-os sem parâmetro, aprendendo o que não devem. Essa falta de educação dentro de casa, conseqüentemente reflete a indisciplina dentro da sala de aula.

Mas o que vem a ser a disciplina? “Disciplina é o regime de ordem imposta ou livremente consentida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização (militar, escolar, etc.); relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor”. (FERREIRA, 2004, p. 321).

Já “[...] a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas [...]” (LA TAILLE, 1996, p. 10).

A disciplina faz parte da educação escolar, deve constar nos documentos escolares como o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Escolar e o Manual de Convivência, posto que tais documentos apresentem normas e regras estabelecidas a serem cumpridas dentro do ambiente escolar por todos, mesmo porque devem ser estabelecidas junto a equipe gestora, professores, funcionários, alunos e a comunidade.

A autoridade é importante na disciplina, com interação, sem determinar leis, estabelecendo um combinado de regras claras.²⁸ Os alunos precisam entender que conviver em sociedade requer regras e autocontrole, faz parte do preparo para o seu futuro.

Sendo assim, a autoridade pode existir por meio da competência e empenho do professor, portanto, dentro de uma negociação, o educador será um diagnosticador, um facilitador do conhecimento, flexível, aberto à participação e ideias dos alunos, expondo vivências e críticas.

Conforme Aquino (1996b), no passado disciplina significava silêncio, hoje não. Para que desperte o interesse do aluno a participar das aulas, ter liberdade para apontar suas opiniões e interação, é importante que o professor seja aquele que dará o “convite

²⁸ Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro. (VASCONCELLOS, 1997, p. 248).

ao novo”, para “ultrapassar o comum”, transformando os conteúdos de maneira mais atrativa.

O aluno dessa geração nos obriga a renovar a prática docente, portanto o educador precisa reaprender e reinventar a cada aula sua didática e metodologia.

“É fato que a escola atual vive uma profunda crise. E que a formação dos professores não os contemplou com competências teóricas ou práticas específicas para a vivência de situações de indisciplina e, até mesmo, de violência”. (SILVA; FERREIRA; GALERA, 2008, p. 667).

Os educadores alegam que é difícil competir com toda a tecnologia que o aluno encontra hoje, portanto há desinteresse dentro da sala de aula, gerando a indisciplina e essa situação desmotiva não só o aluno, mas também o professor.

As regras estabelecidas no ambiente escolar não estão sendo cumpridas e isso está deixando professores com o sentimento de impotência para preparar o aluno perante a sociedade, pois enfrenta-o na sala de aula com comportamentos de agressividade, indiferença e desrespeito.

A escola e a comunidade devem se atentar à questão da indisciplina, tendo uma parceria para que ambas possam colaborar para a formação dos educandos como cidadãos conscientes perante a sociedade.

Há uma cobrança muito grande quanto aos resultados na educação, porém, antes do início das mudanças no sistema educacional (de tradicional para construtivista), as bases (formação, estrutura e remuneração) precisariam passar por uma reestruturação.²⁹

Dessa forma, durante o período de transição entre a educação tradicional e o modelo construtivista, a competência do professor, como aponta Rios (2011), é necessária diante dessa nova abordagem educacional, visto que compreende o fazer bem, pois, entende-se que a qualidade do trabalho do educador quanto ao domínio, organização e transmissão do conteúdo, mesmo com as mudanças históricas, continua a ser a essência do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, cabe ao professor competente e comprometido, ser um agente de mudanças dentro da sala de aula, prevendo que o aluno venha a se tornar um sujeito de

²⁹ No Brasil, as mudanças educacionais têm sido “de papel”, ocorrem na “lei”. Mas lá na sua sala de aula, o professor não recebe o treinamento de que necessita para efetivar com segurança o novo modelo. Muito menos chegam a ele os suportes necessários de infra-estrutura, física, material, ou os equipamentos que poderiam ao menos possibilitar alguma chance de sucesso. (ZAGURY, 2007, p. 45).

múltiplas relações, e que passa pelo processo de formação de caráter, proporcionando a esse uma visão crítica e democrática ao que se encontra a sua volta.³⁰

A ideia de democracia transmitida e questionada junto ao aluno que o novo modelo educacional propõe, tira o foco de suas próprias necessidades e do professor como centro do conhecimento e passa a dar espaço a uma visão de grupo considerando argumentos e pontos de vista do outro.

4- A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O RESPALDO LEGAL

Atualmente a profissão docente necessita de maiores habilidades além da formação adequada, tendo em vista a complexidade da gestão educacional que se modifica dia após dia. Diante disso, segundo Machado (2012), a gestão em sala de aula ou no âmbito educacional na tenra idade, o profissional da educação deve almejar novos voos, necessitando reaprender novas habilidades, desconstruindo uma tradição engessada, quebrando conceitos retrógrados e, buscando sempre novos paradigmas no que concerne o ensino fundamental³¹.

O docente carrega em si diversas responsabilidades, por exemplo, orientar e educar os seus alunos nas diversas fases da vida, por essa razão, muitos profissionais são vistos como exemplos de cidadãos íntegros e que possuem uma vida exemplar a ser seguida.

Todavia, para que a reputação exemplar do docente venha permanecer bem sucedida na educação, faz-se necessário conjugar o discurso do professor em sala de aula com a vida particular.

O papel do professor mediador se dá na busca de resolução de conflitos dentro da sala de aula, em aproximar alunos formando cidadãos e tecendo conteúdos relevantes, para que eles assimilem e desenvolvam suas capacidades, permitindo sua própria construção significativa de qual caminho seguir, para que assim possam concluir seus projetos pessoais e profissionais de forma satisfatória.

³⁰ Outro elemento que permite a garantia da democracia, e que o professor pode estimular, é o espírito crítico. Como proceder? Uma forma de estimular o espírito crítico é propor uma pergunta e deixar que os alunos falem. O professor incita a dar argumentos, contra-argumentos, formular critérios de argumentação. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 74).

³¹ [...] o novo profissional passa por uma mudança tão profunda que transforma completamente a identidade do professor. A consequência desse modelo é que novas competências deverão ser desenvolvidas na formação de educadores. Assim, o novo profissional precisa ser um especialista da aprendizagem, ter uma prática reflexiva e manifestar capacidade de integração numa equipe e numa organização escolar. (PARRAT-DAYAN, 2012, p. 112).

Em um contexto claro, o professor bem instruído, com excelente formação, permite que o aluno aprenda mais que conhecimentos específicos, porque ao contrário disso se tornaria um cidadão generalizado com pensamentos embutidos frente a uma educação autoritária, diferente da educação contemporânea.

É necessário que o professor tenha sentimento inovador, senso prático e crítico daquilo que vale a pena ser ensinado, que é eficaz, moralmente correto e proveitoso para o aluno.

Para colaborar com o exposto acima, vale mencionar o parágrafo único e seus incisos constituídos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a saber:

Art. 61. Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;

III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (BRASIL, Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 2014).

A figura de professor tem por objetivo formar e ampliar o repertório de conhecimento do aluno além da sala de aula, propiciar mudanças de comportamentos por meio dos mecanismos de avaliação e informações postas. Apesar de muitas vezes não conseguir atingir o objetivo proposto, o gestor da sala de aula, bem preparado, não desiste diante das primeiras dificuldades, pois a prática na formação continuada tem o dever de preparar para desenvolvimento de seu trabalho com autoridade e eficácia.

Quando a autoridade do professor é exposta de maneira equivocada, ou seja, apoiada de forma punitiva, passa a ser negativa aos objetivos do aluno, que se sente acuado, obedecendo, por vezes, o que é lhe imposto, esquecendo a valorização da democracia.

Ao contrário disso, a autoridade do educador posta de maneira correta, quando obtém respeito e admiração em sua sala de aula é recompensado por ver que estudos, pesquisas e didática proporcionam a formação de alunos reflexivos, críticos,

interessados, ou seja, professores que têm teoria e prática junto à autoridade desempenham melhor seu papel na educação.

Segundo Gadotti (2012, p. 76) “não existem receitas mágicas, nem métodos ou técnicas que garantam que estamos realmente reaprendendo a educação ou reproduzindo a educação”, para tanto é necessário repensar que educação faz diferença na relação professor-aluno e que os problemas educacionais podem interferir na gestão em sala de aula.

O exercício da profissão na área da educação requer estudos relacionados à teoria e prática, porém na proposta cultural seguimos em uma dicotomia, ou seja, a dificuldade do acesso e da permanência na educação que é vivenciada em nossa sociedade desvaloriza a função do educador, a qual se relaciona no paradigma de que a educação ainda é para poucos e não condiz com o artigo 205 da Constituição Federal: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade visando ao pleno desenvolvimento da pessoa [...]”. (BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, 2014).

Como considerar que a educação é acesso para todos, sendo que são poucos os que continuam no caminho dos estudos? Será que o Estado está cumprindo as exigências legais? Será que a formação direcionada às instituições prepara o professor a habilitar-se dignamente para enfrentamento de uma sala de aula indisciplinada, considerando alcançar todos os objetivos administrativos, técnicos e prático-pedagógicos?

Para confirmar essas hipóteses Gadotti (2012, p. 71) critica a serventia da formação: “[...] Contra quem? É sabido que esta regulamentação orientou o Curso de Pedagogia para a formação de profissionais técnico-administrativos da educação, oferecendo aquelas ‘famosas’ habilitações [...]”. Assim, fica notório que a legislação torna-se a favor de uma classe social dominante, a qual prepara administradores e não pessoas para trabalhar com pessoas.

Em outro ponto de vista considera-se que a família é o sujeito principal para a iniciação e continuidade aos estudos, pois são os valores morais e éticos que recebemos que dão embasamento a uma educação disciplinada, ou seja, a primeira educação é construída junto à família e a escola será o espaço institucional que permitirá a formação da identidade como cidadão. Sendo assim, a indisciplina dos alunos, que é o

assunto mais abordado e que atualmente ocorre em sala de aula, torna-se responsabilidade e problema de todos os envolvidos³².

Além da família, a escola e a comunidade são responsáveis no que diz respeito à educação, elas devem trabalhar em conjunto no mesmo objetivo, que é ter qualidade na educação.

Para alcançá-lo, deve-se promover a participação de todos contra o ofício engessado do educador, e permitir que o exercício da autoridade minimize a indisciplina em sala de aula na educação atual, proporcionando eficácia e competência na relação professor-aluno e no processo educativo. O problema está posto, recuar poderia tornar-se comodismo, perpetuando no mesmo erro, porém enfrentá-lo pode trazer resultados nunca vistos antes, e a tríade família, escola e comunidade são os sujeitos principais que auxiliarão no desenvolvimento pleno do educando e no trabalho do gestor em sala de aula.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que a gestão em sala de aula na contemporaneidade precisa ser revista no tocante aos seus aspectos socioculturais. Abordar as especificidades dessa gestão, sua significação para a sociedade entre todos os envolvidos na educação brasileira e, aspectos legais da docência, são caminhos para reflexão dessa incumbência.

O professor enfrenta grandes desafios para conseguir gerenciar a sala de aula, muitas vezes lotadas com alunos indisciplinados. Contudo, cabe a ele buscar formas de resolução, criar no ambiente da sala de aula a interação professor-aluno aproximando-os para obter a socialização entre todos os envolvidos.

A figura do docente hoje para muitos na sociedade tornou-se meramente assistencialista, por praticar papéis que cabem à família. O aluno tem na escola o mesmo comportamento que em casa. Os valores morais, éticos e sociais da família mudaram. Em consequência, vieram à falta de respeito e a indisciplina para dentro do ambiente escolar.

O papel do professor relaciona-se à mediação da relação professor-aluno em sala de aula, na busca de resolução de conflitos objetivando promover o processo ensino-aprendizagem. Para isso, cabe à formação docente o preparo do exercício de suas

³² Para Parrat-Dayana (2012, p. 125) a transformação da escola é um problema compartilhado por múltiplos atores: educadores, pais [...], inclusive dando entrada aos pais para aumentar o senso de integração. A indisciplina supõe a existência de conflito e o problema é saber negociar as regras para que possa conviver de maneira mais produtiva. [...].

atividades na relação teoria e prática, bem como a valorização de suas experiências anteriores que devem ser respaldadas pela legislação brasileira, para o desenvolvimento dessa gestão.

Portanto, essa pesquisa tem como proposta contribuir para questões que possam colaborar para as pessoas da área de pedagogia e correlatas, tendo como argumentos não somente a formação do professor, mas também a sua prática docente, a relação professor-aluno e a tríade família, escola e comunidade sendo tudo isso respaldado por leis específicas.

Nos estudos realizados, foi possível notar que o contexto real da formação acadêmica docente, devido a renovação constante das informações, não tem amparado as necessidades da prática escolar na sala de aula atual. Assim como, não está claro para a sociedade, principalmente para a família, qual importância do professor, justamente por essa desconstrução de valores sociais.

Considerando que as orientações pertinentes da legislação deixam de ser devidamente cumpridas no favorecimento do exercício legal da docência, a indisciplina segue como um dos maiores problemas da nossa sociedade, sobre o qual as teorias e as práticas pedagógicas estão em indagações contínuas.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A. L. Gestão da sala de aula: o “manejo de classe” com nova roupagem?. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 87-97.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: ——— (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996a. p. 39-58.

———. **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus, 1996b. 164 p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n.º 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo n.º 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n.º 1 a 6/1994. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p.

———. **LDB**: Lei de diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]: Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 45 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004. 896 p.

GADOTTI, M. Revisão crítica do papel do pedagogo na atual sociedade brasileira. In: ———. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 69-84.

HENGEMÜHLE, A. Que professor?. In: ———. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 133-155.

LA TAILLE, Y de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

MACHADO, N. J. Didática. In: ———. **Ética e Educação**: pessoalidade, cidadania, didática e epistemologia. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012. p. 159-167.

PARO, V. H. Gestão da escola pública: alguns fundamentos e uma proposta. In: ———. **Gestão democrática da escola pública**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 107-114.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 130 p.

RIOS, T. A. As dimensões da competência do educador. In: ———. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011. cap. 3. p. 56-83.

SILVA, M. V. G.; FERREIRA, J. de L.; GALERA, J. M. B. **A indisciplina escolar enquanto desafio na formação do professor**: uma realidade posta na sociedade contemporânea. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/126_494.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

SOUZA, M. P. R.; VIÉGAS, L. de S. As relações entre professores e alunos em sala de aula: algo mudou, muito permaneceu... In: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 377-394.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf>. Acesso em: 26 maio 2015.

ZAGURY, T. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. 301 p.